



RONALDO LIMA LINS

**“É engano pensar que teoria
não tem a ver com imaginação”**

Ronaldo Lima Lins acumula duas vivências que poderiam levá-lo a alimentar uma certa distância em relação à nossa realidade: muitos anos na Europa e uma formação acadêmica de fôlego. Contudo, sua preocupação com o país é tamanha que o distanciamento propiciado pela morada no exterior e pela dedicação ao mundo dos conceitos serve à perspectivação emocionada do que somos.

Seus romances mostram a nação em sua atabalhoada marcha, com destaque para quem a pensa e quem a suporta: idealistas desencantados e desvalidos tornados delinquentes. Os primeiros tentam compreender o todo, avistar saída para a multidão. Os últimos sentem a sociedade como peso perverso. Todos partilham uma interioridade repleta de perguntas sobre o sentido da vida.

A delicada costura entre indivíduo e coletividade, teoria e práxis, pensamento e criação tomou boa parte do papo que **Caio Laranjeira, Camilla Santero, Dau Bastos e Lucinda José** tiveram com Ronaldo Lima Lins, na Faculdade de Letras da UFRJ. O papel das humanidades num mundo dominado pela tecnologia, a importância de a arte insistir na experimentação e a certeza de o mundo não precisar ser tão mesquinho foram outros temas enfocados com didatismo de ensaísta e senso narrativo de prosador.

Publicada originalmente no livro *Papos contemporâneos 1* (2007), esta entrevista tem todos os motivos para aparecer também aqui, onde amplia as chances de circular mundo afora.

Com quase três décadas de magistério e vários livros publicados, era de se esperar que você se concentrasse na escrita. No entanto, ei-lo diretor da Faculdade de Letras da UFRJ. E nem se pode dizer que concorreu ao posto para ganhar um restinho de experiência acadêmica ou enriquecer o currículo, afinal você já havia dirigido a unidade no início dos anos oitenta. O que o levou a aceitar novamente a dura empreitada?

Angustiava-me ver a faculdade se tornando uma instituição que pensava apenas o ensino de línguas, em detrimento da literatura. Não é o que deve ocorrer. Hoje, os órgãos financiadores de pesquisas acadêmicas são regidos pelos interesses da tecnologia, mas isso não nos pode levar a imprimir uma direção perniciosa às nossas atividades. Devemos continuar pensando o estudo da linguagem em sua total abrangência. O curso de Letras tem um grande poder de transformar as pessoas justamente porque inclui um universo de sensibilidade muito valioso. Existe uma dinâmica permanente na história dos homens que faz com que todos nasçam ignorantes, mas possam desenvolver saberes a partir do conhecimento legado pelos antepassados, através dos livros. Portanto, o conhecimento em si deve ser cultuado. O aproveitamento da filosofia e da sociologia na literatura é uma das formas de reagirmos ao padrão vigente e contribuirmos para tirar as humanidades da defensiva.

Como estamos no gabinete da direção, talvez caiba uma pergunta meio boba: o Ronaldo que nos fala agora é o ficcionista, o ensaísta ou o diretor?

A vida de cada um de nós se compõe de vários lados, mas acho importante termos a sabedoria de integrá-los. O que me faz não

é apenas a escrita, do contrário eu acabaria sem substância para levá-la adiante. Vive-se, e o trabalho literário se alimenta da vida, pois é ela, em última análise, que está em jogo.

As personagens de seus romances parecem viver em constante tensão, provocada por choques externos e crises de natureza interna. A narrativa acaba assumindo um movimento próximo da respiração, como se alternasse aspiração e expiração. Fale um pouco sobre essa característica de sua obra.

Na Modernidade, o ser humano descobriu a importância da subjetividade, percebeu que seu interior é um universo praticamente inesgotável de questões, é um espaço tão infinito quanto o sideral. A riqueza da interioridade, somada à complexidade do mundo exterior, possibilita a articulação do indivíduo com a sociedade em que vive. Esse me parece um caminho literário interessante para um país pobre como o nosso. Nas nações desenvolvidas, as pessoas se beneficiam da boa situação econômica e do amparo do Estado. Eu mesmo passei um período na França durante o qual me tratei gratuitamente de uma enfermidade. Levei a máquina de escrever para o hospital, fiz traduções e, ao receber alta, tinha dinheiro na conta bancária. No Brasil, não recebemos qualquer apoio do Estado, que existe para oprimir e cobrar impostos. Aqui, temos essa briga com nosso próprio destino e somos convocados continuamente a nos posicionar frente a problemas externos. É possível a um europeu e a um norte-americano comuns se preocuparem apenas com suas questões individuais. Em seu quadro de “egoísmo”, não percebem a dimensão do problema que constitui o mundo. Para mim, porém, seria muito difícil fazer uma literatura inteiramente desvinculada

das questões da época, que são também sociais e repercutem na individualidade. Por isso, em meus livros tento articular interioridade e exterioridade.

Talvez possamos aproveitar o paralelo entre a matéria-prima colocada à disposição de escritores brasileiros e não brasileiros para passar à relação de nossa prosa artística com o Velho Mundo.

Bom, os europeus inventaram a narrativa. Posteriormente, o Novo Mundo tentou formular sua própria maneira de fazer ficção e, de vez em quando, um ou mais países do lado de cá conseguem dar uma virada e passam a ser lidos pelo resto do planeta. Foi o que ocorreu aos hispano-americanos, que depois da II Guerra Mundial devolveram à Europa um modelo literário próprio. No caso brasileiro, isso nunca aconteceu. Temos excelentes escritores, mas não somos lidos. Nossas dificuldades se agravam pelo fato de os suplementos literários e as editoras terem absorvido imensamente a categoria de sociedade de massa e privilegiarem livros com potencial de venda. No mundo inteiro as questões mais sérias vendem menos, mas a diferença é que na Europa, por exemplo, há uma tradição literária muito forte, e é essa tradição que move os interesses. No Brasil, apenas quem ingressa numa faculdade de Letras tem chance de conhecer a literatura pela via institucional. Na quase totalidade dos casos, a descoberta literária do brasileiro é individual. A sociedade, enquanto conjunto, não comparece no campo literário, convocada que é para outros interesses. A rigor, se nosso país tivesse uma fundamentação cultural mais profunda, haveria editores como antigamente, que iam além do ganho e realizavam um trabalho cultural importante. No presídio em que estive encarcerado,

Graciliano Ramos disse ter encontrado romances de três autores: Jorge Amado, José Lins do Rego e ele próprio. Os livros menos lidos eram os seus e os mais lidos, de Jorge Amado. Isso acontecia porque o editor José Olympio achava que tinha de investir também em escritores difíceis, introspectivos e ásperos. Ganhava dinheiro com Jorge Amado, porém destinava recursos também à literatura de Graciliano Ramos. Esse tipo de editor desapareceu, até porque as editoras foram se transformando em conglomerados, o que, diga-se de passagem, é um fenômeno mundial. Quanto ao Brasil, entrou na sociedade de massa sem sair da sociedade patriarcal, atrasada, do carro de boi. Nenhum autor nacional é valorizado por ser sério. Se Graciliano vivesse hoje, é possível que não conseguisse publicar. Esse nosso lado essencialmente comercial faz muito mal à cultura, ainda que não chegue a destruí-la.

Ao se referir ao mercado editorial, você costuma ser de uma honestidade que muitos considerariam suicida. Agora mesmo está com um romance pronto, sobre o qual não esconde as rejeições recebidas, ao contrário, comenta-as abertamente. O mais impressionante é a serenidade com que trata de um assunto que faz muita gente sofrer terrivelmente.

Minha ansiedade de publicar e fazer sucesso foi se perdendo com a idade. No passado, cheguei a passar dois anos escrevendo livros de encomenda, com os quais me sustentei, mas evidentemente nunca os considerei literatura. Hoje, não me disponho a fazer as concessões necessárias ao êxito comercial. Mais importante que atingir o sucesso é fazer aquilo de que se gosta. O que me importa são as questões mais profundas, que sei venderem pouco. Entre meus livros, a exceção é *A lâmina do espelho* (1983), que tem até

um lado de humor, mas se ambienta inteiramente num hospital, aborda questões duras, é um romance difícil. Apesar disso, esgotou rapidamente a tiragem inicial, de três mil exemplares. Para tanto, contribuiu a ótima acolhida da mídia. A *Veja* e a *IstoÉ* publicaram resenhas extremamente elogiosas. O programa *Fantástico*, da Globo, organizou um júri para escolher as obras mais importantes do ano e o incluiu na lista, ao lado de livros de Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Pedro Nava. No presente, quando encontro um editor disposto a me publicar, até brinco, dizendo a ele que finalmente achei alguém disposto a perder dinheiro. Agora, mantenho a esperança de que crescerá bastante o número de leitores brasileiros com condições de perceber com mais nitidez as sutilezas da expressão literária. Esse momento ainda não chegou, mas quem sabe esteja a caminho?

Se formos um pouco heterodoxos, talvez encontremos motivo de ânimo em áreas vizinhas, como a informática e a televisão, cujas linguagens foram rapidamente assimiladas. Uma campanha maciça de iniciação na boa literatura certamente mudaria a acolhida da poesia e da prosa em nosso país. Resta, porém, um obstáculo ao que se pode chamar de inovação ou mesmo revolução no campo da escrita: a pecha de anacronismo lançada sobre a experimentação. Como você vê essa problemática?

Bom, durante a primeira metade do século XX o poeta e o prosador se apaixonaram de tal maneira pela experimentação que só era considerado quem inovasse. A literatura moderna foi um período tão fecundo que, hoje, fornece qualquer exemplo a que se queira recorrer. Por vezes, o experimentalismo levou o escritor a se afastar tanto do leitor que fez obras difíceis de serem lidas. Exemplo

emblemático disso foi o pai do romance moderno, James Joyce. Lembro que quando li *Ulisses* pela primeira vez, na tradução do Antônio Houaiss, não consegui entender nada. Porém, não era um livro que se pudesse ignorar. Então assisti a várias conferências do Houaiss e procurei conhecer melhor a história da Irlanda. Fui desenvolvendo a leitura, relendo o romance, até que ele se tornou muito mais claro. É verdade que atualmente os experimentalismos são vistos como clichês e parecem esgotados. Acontece que há muitas maneiras diferentes de experimentar. Desde Flaubert, por exemplo, o experimentalismo pode se dar por meio de pequenos contrastes e invenções nas frases. Assim, tem-se uma construção não inteiramente estrutural, mas que participa, como estrutura, da própria expressão da linguagem. Em minha aventura pessoal de narrador, sempre procuro experimentar de alguma maneira.

A liberdade formal se fez anteceder da tematização da vida mesmo em seus aspectos repulsivos. Se em 1790 a terceira Crítica kantiana libertou a estética de vínculos sufocantes com a ética, em 1857 Baudelaire rematou a distinção entre beleza e bondade, ao radicalizar a incorporação do lado “feio” com As flores do mal. E atualmente?

No plano do conteúdo, há hoje um gosto pelo perverso que chega a ser exagerado. Estamos numa época em que tudo é permitido do ponto de vista da criação. Não existe mais uma censura dizendo previamente como a arte deve se manifestar. Isso é muito bom. Agora, acho importante jamais perder o laço com certas delicadezas, pois a elegância faz parte da expressão. É importante se fazer uma pesquisa ao nível da linguagem para que, na construção de um romance ou de um poema, haja beleza e refinamento. Para tal, é

necessário um olhar atento, que perceba como se constrói o tapete, o tecido, enfim, que leve em conta também as pequenas oscilações que fazem o desenho da obra.

Em seus romances, o amor jamais dá margem a derramamento, mas se deixa perceber sutilmente, ora na relação entre duas pessoas, ora na vontade de alguns personagens de que a humanidade faça jus ao seu potencial para o socialismo. O que você diria do sentimento em suas manifestações individuais e coletivas? Qual seu lugar na literatura?

A partir do Renascimento, a humanidade entrou num tubo em direção às utopias. Com esse horizonte de possibilidades, veiculou-se a utopia do amor universal, a ideia da fraternidade entre os povos, o sonho da realização humana. No século XVIII, o amor sofreu outras reformulações e ganhou ainda mais dimensão. Entretanto, mesmo que se pense uma relação baseada nos conceitos de liberdade, fraternidade e igualdade, restam perguntas desconcertantes. A primeira delas é sobre o lugar da igualdade, já que alguém sempre predomina. Como se dá a liberdade, se tudo constitui um contrato a ser respeitado a todo custo? E a fraternidade, como funciona? Postas nesses termos, as questões se tornam ainda mais problemáticas devido ao fato de as épocas avançarem e, ao mesmo tempo, manterem resíduos de hábitos e considerações do passado. Em meu livro *A lâmina do espelho* (1983), inseri referências à Revolução dos Cravos por meio de um personagem português que acompanha passo a passo o que se passa em sua pátria, que queria se libertar mas sofria. Enfim, as questões do amor, da vida e da sociedade se enredam na mente humana. Em outro romance, *Jardim Brasil: conto* (1997), há a ideia de que o descobrimento foi vivido como uma espécie de

descoberta do Jardim do Éden. Os portugueses imaginaram ter achado o paraíso perdido. Por isso, começo o romance com epígrafes extraídas da carta de Pero Vaz de Caminha. No presente, o país é dado à violência, repleto de questões que não se resolvem e geram impasses tremendos. No título, até brinco com a ambiguidade de *conto*, pois se trata de um romance, mas está posto como algo que conto e que poderia ser da ordem da fantasia, do conto. O mal-entendido foi intencional. Mas enfim, o livro apresenta o sonho de uma nova sociedade, a utopia social, em plena crise. O amor é esgarçado, difícil, de uma solidão insuportável. Creio, portanto, que o amor sempre aparecerá na literatura, pois diz respeito à realização do ser. Claro, não são amores iguais. Há o amor pela humanidade, o amor idealizado, o amor marcado pelas agruras da vida – e todas essas formas têm seu lugar, afinal não podemos viver sem esperança.

O protagonista de seu romance As perguntas de Gauguin (1988) parece decepcionado com as utopias. Estariam elas desacreditadas?

No final dos anos oitenta, início dos anos noventa, desabaram as ideias que fundamentaram certas utopias no século XX. Na verdade, toda aquela energia social já trazia subjacente um pouco de desesperança. No entanto, sabemos que o mundo não tem que ser exatamente como é, esse ambiente torpe de intrigas, diferenças abissais e sofrimentos que se exteriorizam de forma profundamente desumana. Essa não pode ser nossa única opção de vida em sociedade. No fundo, temos consciência de que tudo pode ser diferente. Quando se fala em utopia, pensa-se no impossível, mas ao mesmo tempo um impossível que se traduz possível na vida das

pessoas. Na *Crítica da razão prática*, Kant levanta questões interessantes, como: “Por que há homens que se comportam bem?”, “Por que não são todos bandidos e assassinos?”. A resposta do próprio pensador gira em torno do fato de que há sempre um interesse, pois se todos fossem bandidos e assassinos a vida social acabaria. Há um sistema que se construiu profundamente perverso. Não é à toa que a perversidade é devolvida pela vida social, numa dinâmica histórica cujos segredos e mistérios não conhecemos bem. Contudo, precisamos insistir no bem comum. No romance *Desonra*, de John Coetzee, conclui-se, com relação à África do Sul, que um dia os negros não tinham direito a escolaridade, perdiam os filhos, pagavam com a vida; agora cometem atrocidades, estupram, matam, roubam. Percebendo isso, o autor diz: “Um dia os inocentes pagaram, agora os inocentes pagarão”. Há, pois, uma dinâmica da história da qual não conseguimos nos libertar com um simples estalar de dedos. Herdam-se infortúnios dessa perversão. Claro que não é bom ter vida social perversa, mas, como existe quem ganhe com isso, fecham-se os olhos para os problemas.

A quem caberia chamar a atenção para os problemas que a sociedade enfrenta?

Sartre disse que as pessoas sabem que o mundo atravessa dificuldades sérias e, até como mecanismo de autodefesa, fecham os olhos para a gravidade da situação. Isso se insere na estrutura de poder: se o meio sociopolítico apresenta problemas graves, os representantes do governo fazem tudo para que ninguém os denuncie. No entanto, para a própria sociedade, é importante que alguém os acuse. E o intelectual existe para isso. Se ninguém fala, os erros se

perpetuam e não há conserto. Daí Sartre afirmar que “intelectual é aquele que se mete onde não é chamado”. Assim, detém a consciência infeliz, pois ainda que as pessoas não lhe dêem ouvidos ou não queiram enfrentar as dificuldades, sente-se no dever de alertar os companheiros para a catástrofe. Não posso imaginar que uma pessoa inteiramente despreparada do ponto de vista cultural consiga entender certas questões. Portanto, é preciso que alguém faça alguma coisa, mostre que há algo errado.

Visto dessa maneira, o intelectual é um sujeito que se destaca dos semelhantes. Todavia, Banao e Beltrano são personagens seus cujos nomes parecem forçar a valorização da pessoa comum. Como o escritor pode extrair do aparentemente corriqueiro o que há de particular em cada indivíduo?

Antigamente a literatura se preocupava com os grandes heróis, as grandes figuras, que normalmente vinham cercadas por uma ideologia em defesa do Estado. A partir do século XVIII, porém, os escritores passaram a se ocupar justamente dos anônimos: qualquer um pode interessar à literatura. Alguém abandonado pela vida pode ser de grande valia, pois talvez diga coisas que, traduzidas num texto literário, transmitem algo novo sobre a existência. A literatura moderna se preocupou em resgatar aqueles personagens que não apareciam nas obras e que, de fato, têm algo de relevante a acrescentar.

Com toda a carga de leitura de professor de Teoria da Literatura, você certamente traz as marcas da convivência com obras alheias, a exemplo da do ficcionista Louis-Ferdinand Céline, citado em A lâmina do espelho. Você se sente influenciado por alguém?

Um grande filósofo da ciência dizia que a influência parece uma via de mão única, mas tem mão dupla, pois, em lugar de nos escolher, nós é que a escolhemos. Não diria que Céline orientou minha trajetória, mas o considero um grande escritor. Em seus livros, encontramos uma abordagem profunda da solidão, que é um problema que faz parte de nossa existência. Não somente a obra do autor francês, mas tudo o mais que li foi importante para o que faço. A grande maravilha da leitura é que, mesmo na maior solidão, estabelecemos diálogo com pessoas que não conhecemos. Em meus livros, travei esse diálogo – que passa por uma ação universal dos homens falando entre si – com diversos escritores. É uma forma de nos libertarmos do círculo estreito em que nos encontramos, enquanto indivíduos isolados.

Passando do ficcionista ao teórico, que importância você atribui à imaginação no processo de construção do saber?

A imaginação é um elemento essencial ao ato de pensar. Na *Crítica da razão pura*, Kant trata a imaginação produtiva como ingrediente indispensável ao conhecimento. É engano pensar que teoria não tem a ver com imaginação. De acordo com a herança aristotélica, as pessoas acham que adotar um caminho conceitual, em direção à lógica analítica, preserva da surpresa de um salto repentino e inesperado. No entanto, Sartre diz que a razão analítica não basta à história, pois às vezes dá saltos surpreendentes. Então ele elabora o conceito de razão dialética. Enfim, o encaminhamento conceitual não dispensa a imaginação, sob pena de nos prendermos numa camisa-de-força intelectual. Esse postulado vale não só para a história, mas também para a filosofia. Marx afirma que a filosofia

já pensou demais na existência, então é hora de transformá-la, pois nem tudo é previsível. Como diria Mallarmé, “um lance de dados jamais abolirá o acaso”. Quando escrevo um ensaio, sou criativo. Por outro lado, uso em meus romances aquilo que aprendi conceitualmente. Uma ação não pode se separar da outra. Não me imagino como um repetidor de fórmulas, assim como não creio que a crítica literária se faça da simples utilização de instrumentos consagrados. Deve-se ser capaz de alçar voo.

Em seus textos ficcionais, o voo frequentemente é impulsionado pela filosofia. O que a diferencia da literatura? Como articular as duas áreas com vistas à unidade da obra?

A literatura não tem a pureza moral da filosofia. A literatura recebe o legado do mundo todo, ao passo que a filosofia exige coerência. Sócrates, por exemplo, morreu para ser coerente. Um filósofo incoerente, como Heidegger, defensor da causa nazista, desperta resistências. Na literatura não existe isso. O aspecto moral da vida do escritor não pesa da mesma maneira que na filosofia. Aliás, a literatura gosta dos grandes canalhas, que são fascinantes e sempre nos ensinam alguma coisa. Conquista-se a unidade entre filosofia e literatura através da própria aventura de narrar. O escritor precisa ter capacidade de síntese, para reunir o que faz parte de seu psiquismo, do mundo exterior e do conhecimento. As pessoas lêem ficção e estudam filosofia porque, tanto uma quanto a outra, são necessárias ao ser humano. A filosofia satisfaz nossa necessidade de experiência conceitual. Já a literatura atende a necessidade de situações vividas, por meio das quais vemos o que somos e o que queremos ser. Por isso, a literatura não pode ser encarada como mero passatempo.

